



**VOIX DES MYTHES, SCIENCE DES CIVILISATIONS. HOMMAGE A PHILIPPE WALTER (FLEUR VIGNERON ET KOJI WATANABE DIRS.). BERN-BERLIN-BRUXELLES-FRANKFURT AM MAIN-NEW YORK-OXFORD-WIEN: PETER LANG (2012).**

Dado à estampa muito recentemente, *Voix des Mythes, science des civilisations* é um volume de estudos com que os seus pares - discípulos, colegas e amigos -, pretenderam homenagear o proeminente professor e investigador francês Philippe Walter, no termo de uma longa e prolífica carreira académica e de investigação, oferecendo-lhe um conjunto de artigos e ensaios que têm como referência a sua obra científica.

O formato de obra de homenagem poderia tornar este livro semelhante a tantos outros com que a universidade francesa regularmente celebra os mais distintos dos seus membros por ocasião da sua aposentação, e fazer dele mais um exemplo de um modelo bem conhecido nos meios académicos em França. Nesta ocasião, porém, várias circunstâncias concorrem para fazer desta obra um caso verdadeiramente original e assinalável dentro do género comemorativo universitário. Em primeiro lugar, por manifestar a singularidade do percurso do homenageado como investigador e docente, não tanto pela quantidade assinalável dos trabalhos que produziu, quanto pela inspiração que foi e é para outros estudiosos desta área, e pela força da escola que deixa atrás de si, que tanto deve aos avanços que o seu trabalho produziu. Em segundo lugar, por aqui se manifestar de maneira inequívoca que os estudos sobre o imaginário revelam uma pujança notável, e uma coerência assinalável, apesar da sua diversidade, e mantêm toda a actualidade. Cultivados tanto em França como em muitos outros países, dentro e fora da Europa, não só a sua longa tradição académica não fez inflectir os estudos sobre o imaginário noutras direcções que os tenham desvirtuado, nem o tempo veio rarefazer o seu núcleo de estudos como, pelo contrário, eles se encontraram consolidados e reanimados por uma amplificação do seu âmbito de aplicação, pelo alargamento à escala mundial dos estudiosos que se dedicam a este domínio científico e pelo dinamismo da reflexão teórica e dos estudos aplicados que tem suscitado recentemente, e de que o presente volume é um excelente exemplo.

O livro abre com um prefácio da autoria dos organizadores, Fleur Vigneron e Kôji Watanabe, onde se faz o resumo biográfico do vasto percurso académico de Philippe Walter. Segue-se a extensa lista das publicações e trabalhos científicos do homenageado, onde se contam trinta e seis monografias de sua autoria e mais de uma dezena de obras que dirigiu, bem como um número de artigos e capítulos em livros que ascende a perto das duas centenas. A obra publicada de Philippe Walter inclui, ainda, vários outros estudos, inseridos nas secções «artigos de vulgarização» e «recensões críticas», estas últimas incidindo sobre obras relativas a assuntos vários dos estudos medievais, tendo sido publicadas em revistas da especialidade tão prestigiadas como *Cahiers de civilisation médiévale*, *Perspectives médiévales*, *Studi Testuali* ou *Romanische Forschungen*, *Le Moyen Age* ou *Medium Aevum*, e, ainda, a revista *Iris*, presidida pelo próprio Philippe Walter, entre outros periódicos



da especialidade. Contam-se na lista dos trabalhos de Philippe Walter, além dos já referidos, várias participações em emissões de rádio e de televisão produzidas por outros nomes de relevo nos estudos medievais, como, por exemplo, Jacques Le Goff e Michel Cazenave. Philippe Walter foi, também, convidado a proferir conferências num número muito avultado de encontros científicos, ou palestras em várias universidades e outras instituições académicas de França e também dos Estados Unidos, Suíça, Polónia, Islândia, Espanha, Tunísia, Rússia, México e Brasil, bem como em Portugal, além de ter apresentado um número muito importante de comunicações em colóquios nacionais e internacionais e de ter organizado vários encontros científicos. No âmbito dos estudos doutorais e pós-doutorais, Philippe Walter foi muito activo na orientação de «habilitations à diriger des recherches» e de teses de doutoramento, o que também manifesta a sua acção enquanto docente como a de um verdadeiro mestre.

Da sua actividade no estrangeiro, caberá, aqui, salientar o contributo directo que deu com o seu saber científico para o desenvolvimento da actividade de instituições e centros de investigação do nosso país que se dedicam aos estudos medievais, tais como o CEIL - Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário, onde foi conferencista convidado em diversas ocasiões e com cujos membros colaborou activamente em publicações internacionais conjuntas, fazendo, também, parte da comissão científica da revista electrónica *Cadernos do CEIL*, e o IEM - Instituto de Estudos Medievais, que contou, muito recentemente, com a sua colaboração na revista *Medievalista online*.

O conjunto dos estudos oferecidos a Philippe Walter no presente volume está dividido em quatro secções temáticas. A primeira delas é dedicada à mitologia euro-asiática comparada, e nela se incluem os contributos de François Delpech, Jean-Pierre Giraud, Chiwaki Shinoda, Kôji Watanabe e Atsuhiko Yoshida. François Delpech parte do ensaio de Philippe Walter sobre *Yvain* de Chrétien de Troyes e a mitologia canicular para discorrer sobre o tema indo-europeu do “fogo na água”, formulando, em particular, a hipótese de uma relação indirecta entre o ciclo «folclórico» das lendas relativas à sepultura do profeta Daniel em Susa e a mitologia dos tesouros e sepulturas subaquáticas. Jean-Pierre Giraud faz uma revisão dos mitos cosmogónicos japoneses apresentados no *iiki* para demonstrar que o deus Susano, considerado na tradição, ao longo dos tempos, como uma divindade telúrica, essencialmente negativa, violenta e destruidora, deve ser visto, numa leitura em profundidade, como um deus da terra, o pai da agricultura, da silvicultura e da metalurgia, cuja violência se inscreve numa mitologia sacrificial ligada à criação cósmica. Ainda no campo dos estudos sobre a mitologia japonesa, Chiwaki Shinoda propõe um estudo sobre os mitos do touro no Japão. Interessando-se pelas divindades taurinas das narrativas mitológicas do Japão, releva alguns aspectos de várias delas para concluir que as figuras divinas do bovino são essencialmente ambíguas, relevando ora da docilidade do boi ora da violência e fogueira do touro, e que a sua expressão mais aterradora não pode ser aplacada senão contra a oferta em sacrifício do animal que o representa, segundo o princípio de que o sacrifício mais eficaz será sempre o sacrifício supremo, ou seja, o do próprio deus. Kôji Watanabe baseia-se na obra de Philippe Walter dedicada a Mélusine, onde este foca o interesse da princesa Toyotama



referida nas antigas crônicas do Japão para confirmar as origens marinhas daquela fada. No seu artigo, Kôji Watanabe propõe uma outra aproximação das mitologias francesa e japonesa através de um estudo comparativo do *Lai de Guigemar* e da lenda de Urashima, onde faz a análise de motivos semelhantes nos dois textos e, em particular, o da duração milagrosa do tempo. O último trabalho da primeira secção é da autoria de Atsuhiko Yoshida, e tem como tema o combate contra o adversário triplo e a *apatê*. Este estudo incide sobre a narrativa etiológica da astúcia que está na origem da festa de Apatúria, para demonstrar que, já entre os indo-europeus, a arte de iludir o inimigo fazia parte da aprendizagem do guerreiro, e que a *apatê* teria sobrevivido na Grécia como uma reminiscência daquela tradição indo-europeia.

A segunda secção é a mais extensa do livro, incluindo dezasseis contribuições, e é dedicada ao imaginário medieval, aos mitos medievais e mitos e literatura da Idade Média.

No início desta secção encontram-se quatro estudos que se debruçam sobre figuras de encantadores ou profetas, personagens de textos narrativos que, de um modo ou de outro, favorecem as ligações com o outro mundo. Cristina Azuela inspira-se no trabalho de Philippe Walter, *Merlin ou le prophète du Monde*, para propor um trabalho sobre Merlin, o profeta, no *Roman de Silence*, onde o associa à figura do *trickster* e de cujos aspectos carnavalescos faz uma análise, para argumentar que é o carácter híbrido de Merlin que faz dele a personagem-chave desta obra. Já Anne Berthelot se ocupa das figuras femininas arturianas fazedoras de encantamentos e da sua relação com o outro mundo. Traçando uma tipologia da fazedora de encantos, que distingue da fada e da feiticeira, Anne Berthelot estuda as várias personagens que deram corpo a essa figura, desde a Dama do Lago, Morgana e Sibila até à Rainha de Norgales, para se focar particularmente na Dama de Avalon e traçar os contornos da reatualização do esquema melusiniano que se desenham em torno desta personagem. Passando para o universo da mitologia escandinava, Régis Boyer propõe um estudo onomástico do vocábulo “deus” orientado para uma perspectiva de mitologia comparada, onde reconstrói, através de uma análise que remonta às origens desta palavra no sânscrito, o contexto mítico-simbólico deste termo para demonstrar que existe uma prevalência dos esquemas imaginários diurnos na construção das personagens míticas divinas neste universo mitológico. Por último, neste grupo inicial de artigos, Anna Caiozzo interessa-se pela personagem de Alexandre Magno enquanto encantador, em particular na sua representação na lenda oriental de Alexandre. Começando por se focar na iconografia de manuscritos do século XV, percorre vários aspectos da lenda oriental de Alexandre, analisa a construção do herói que se distingue pelo seu saber mágico excepcional, e conclui que converge nesta lenda, em torno da figura de Alexandre, uma tripla herança, a da tradição dos reis iranianos possuidores da aura divina ou *khvarnah*, a dos profetas bíblicos e a dos filósofos antigos.

Os artigos que se seguem nesta segunda secção tratam, de uma forma geral, temas e textos relacionados com o universo arturiano, à excepção dos de Claude Lecouteux e Fleur Vigneron. Jacques Cocheyras busca as origens do imaginário da Távola Redonda por meio de um paralelo com fontes antigas e medievais da



astrologia que fornecem representações dos signos do zodíaco e dos doze meses, para sugerir que poderá ter havido uma associação automática entre cada um dos signos e cada personagem do mesmo sector no círculo mediano arturiano. Robert Deschaux debruça-se sobre o mito da «Danse Macabre», percorrendo diversos textos, desde o *Conte du Graal* de Chrétien de Troyes, a obras dos séculos XIV e XV com o objectivo de propor uma compreensão mais profunda deste mito salientando o seu duplo aspecto de, por um lado, convite para que o homem se prepare para a morte e, por outro lado, de incitação para que, pertencendo ao reino dos vivos e enquanto for tempo disso, ele aprecie a vida na terra.

A Demanda trágica é o tema que desenvolve Irene Freire Nunes, ao debruçar-se sobre o romance em prosa e, em particular, sobre a *Demanda do Santo Graal* para analisar um conjunto de motivos e temas da matéria arturiana e a sua evolução na reescrita cristianizada do romance. O trágico, na sua aplicação ao universo da *Demanda*, reside, segundo Irene Freire Nunes, na relação que se estabelece nesta obra entre o pecado e o erro trágico, ou seja, na permanência activa, na *Demanda*, de elementos fulcrais do *fatum* da Antiguidade, que estão na base da representação da corte Aventurosa como instrumento da sua própria perda.

No único texto redigido em inglês neste volume, Yoko Hemmi apresenta um artigo, que se coloca na perspectiva dos estudos pós-coloniais, sobre a floresta de Brocéliande no *Yvain* de Chrétien de Troyes e no *Roman de Rou* de Wace. Analisando os diferentes usos da maravilha nas duas obras, Hemmi conclui que não lhes é alheio o objectivo de propaganda ao serviço da França, por um lado, e do poder Anglo-Normando, por outro, o que levou os dois autores a desenvolverem programas de escrita diversos de invocação e glorificação do passado, como se pode verificar nas diferentes modalidades do recurso à maravilha. Ainda no campo do maravilhoso, mas noutro contexto poético, Claude Lecouteux estuda a geografia mítica do reino do Prestes João a partir da *Carta*, considerada, na Idade Média, como uma verdadeira suma de maravilhas. O objectivo deste artigo é fazer uma apresentação da *Carta* tentando demonstrar, através de uma análise dos seus temas e mitemas, o modo como ela terá sido percebida na Idade Média e, sobretudo, a importância que teve a representação do mito para o seu sucesso.

Regressando ao universo arturiano, Sibusiso Hyacinth Madondo propõe um trabalho sobre as remodelações da narrativa de *Sire Gauvain et le Chevalier Vert* nos poemas ingleses tardios para demonstrar que o Chevalier Vert é um avatar de uma divindade da natureza, ligada à alternância das estações do ano nos mitos das divindades que passam seis meses do ano no mundo subterrâneo e seis no mundo dos homens. Continuando na problemática da transmissão da matéria arturiana, Asdis R. Magnusdottir apresenta um artigo sobre a *Percevals saga* ou a estranha fortuna de um romance de cavalaria na sua tradução norueguesa, com o objectivo de mostrar as modificações que sofreu este texto de modo a poder adaptar-se aos gostos literários locais e às convenções poéticas da saga. Isabelle Olivier, por seu lado, faz uma releitura de duas cenas do Graal à luz da mitologia marinha dos Celtas através de uma releitura da cena fundadora do *Conte du Graal* – Perceval no castelo do Rei Pescador - e da cena correspondente na *Première Continuation*, a partir da ideia de que ambas remetem para um fundo narrativo comum, o da



iniciação do herói numa ilha junto de uma divindade marinha. Revendo a relação entre os *immrama* e os romances da Távola Redonda, Isabelle Olivier propõe dar novas respostas a questões que a crítica tem incessantemente levantado acerca deste episódio, respostas essas que têm repercussões na exegese deste romance de Chrétien de Toyes como um todo. Claude Sterckx interessa-se pelo romance arturiano em latim *Arturus et Gorlagon* e pelos seus análogos galeses, e propõe uma análise comparada dos temas principais do texto latino e das lendas galesas, nomeadamente relacionando as personagens Gorlagon e Lleu Llawgyffes para pôr em destaque a confluência do mito e de temas internacionais na recomposição de textos narrativos de âmbito mais local.

Os dois últimos artigos da segunda secção têm uma orientação metodológica e teórica bastante vinculada, e em ambos se procura demonstrar as vantagens desse tipo de abordagem para os estudos de literatura medieval. Karin Ueltschi apresenta um estudo teórico sobre os mecanismos da analogia e da metonímia na Idade Média, com uma componente prática de aplicação ao imaginário do pé e do sapato, desde Édipo ao universo do conto maravilhoso popular. Neste trabalho, esta autora demonstra a pertinência da metodologia dos estudos sobre o imaginário que recorrem a várias áreas disciplinares para a análise do fundo mítico nos textos literários. Encerrando esta secção, Fleur Vigneron debruça-se sobre textos científicos e literários medievais para estudar a terra como lugar de decomposição e de regeneração, em particular, as mutações da matéria orgânica. Argumentando em favor de uma não separação entre ciência e literatura como modo de respeitar a literatura medieval, muito permeável ao saber científico, Fleur Vigneron analisa a quinta novela do quarto dia do *Décameron* de Boccaccio à luz do tratado de agricultura de Pietro de Crescenzi, o *Liber ruralium commodorum*, e chega à conclusão de que este traz uma nova luz sobre o motivo literário da decomposição pela acção da terra como um aspecto da regeneração simbólica.

A secção seguinte integra sete artigos que versam, genericamente, sobre folclore, tradições orais e hagiografia. Abre com um contributo de autoria colectiva, assinado por Christian e Nicolas Abry, Gunhild Hoyer e Alice Joisten. Partindo de uma perspectiva etnológica, os autores tratam a questão da caça fantástica a um ser do outro mundo com quem um homem se une matrimonialmente e que mais tarde revela a sua natureza fantasmática. Partindo da figura de Melusina para uma abordagem transcultural da mitologia, este estudo foca-se, muito em particular, nas fontes transalpinas e apoia-se em contributos dos estudos medievais para iluminar a sua abordagem etnológica. Continuando os estudos de criaturas fantasmáticas, Jacques Berlioz escolheu como tema de interesse as histórias de fantasmas, e analisa especificamente a obra do erudito de Cambridge Montague Rhode James (1862-1936), *Histoires de fantômes complètes* - título da tradução francesa citada por Berlioz - e a influência da tradição medieval que esta obra sofreu. Este livro baseia-se na sua descoberta de um precioso manuscrito do século XVII que contém um desenho representando um horrendo monstro, que irá despertar a sua fértil imaginação nocturna. O autor do artigo procura desvendar a tradição medieval das aparições do outro mundo onde bebem, de modo não explícito, as narrativas de fantasmas da obra de James.



É, ainda, a etnologia que constitui a disciplina de enquadramento do artigo de Guillaume Issartel, que oferece um ensaio de mitologia ursina através do estudo de um conto chistoso do folclore da pequena localidade situada nas Ardenas, Saint-Agrève-en-Vivarais, transmitido em dialecto local, e que tem como protagonista Jean de l'Ours. A passagem do tempo – motivo U. 260 do índice de motivos folclóricos – na hagiografia medieval da Bretanha é o tema escolhido por Bernard Merdrignac. O seu estudo parte da noção proposta por Philippe Walter, de «palimpsesto hagiográfico» para analisar as apropriações de temas mitológicos no processo de cristianização das narrativas medievais, em particular a *Vita* de saint Brieuç, redigida em meados do século XI. Numa linha de trabalho próxima desta, o artigo de Mercedes Montoro Araque situa-se entre o folclore e a hagiografia. Partindo da tradição oral do mito do dragão na Andaluzia para se focar em representações hagiográficas associadas, pelo imaginário da religião católica, ao símbolo do réptil, Mercedes Montoro Araque interroga-se sobre se se assiste actualmente a uma nova época de dessacralização dessa hagiografia imposta, durante a Idade Média, pelos imperativos da expansão do cristianismo à cultura popular. Juntando-se aos dois anteriores na perspectiva adoptada, Bernard Robreau ocupa-se da hagiografia normanda, sobre a qual tece algumas reflexões que têm como objecto específico os santos Clair e Germain, e os motivos da cruz e da coluna, da roda e do pilar, que considera terem um significado específico na hagiografia local enquanto fruto da recuperação na Normandia de uma matéria pré-existente e de estruturas narrativas míticas anteriores. A terminar esta secção de artigos, Emanuela Timonin estuda a relação entre o santo e a lagarta na figura de Syméon Stylite, o Velho, protector do bicho-da-seda na tradição romena com o objectivo de completar os dados conhecidos sobre a devoção a este santo na Roménia. Com base no atributo que a tradição dá ao bicho-da-seda de proteger contra o mau-olhado, a relação destes animais com o santo encontra-se legitimada nesta reinterpretação da narrativa. Segundo esta versão, os bichos teriam sido levados a roer os pés do santo durante uma luta de Syméon contra o diabo por milagre divino para o salvar das ciladas do inimigo, e não por um castigo.

A última secção do livro é dedicada ao tema do mito, escrita e teoria do mito: mitocrítica e mitanálise, e conta com um conjunto de cinco contribuições. Corin Braga trata a questão da oposição entre a Igreja e o pensamento utópico. As suas análises demonstram que a propagação do antiutopismo na Europa nos séculos XVII e XVIII se ficou a dever à necessidade que surgiu, neste momento, de travar o desenvolvimento que tiveram as narrativas utópicas a partir do Renascimento e a sua questionação do papel da Igreja. Uma leitura dos discursos identitários na África Subsahariana à luz do imaginário das mentalidades propõe Simona Corlan Ioan, com o objectivo de descortinar, a partir desta perspectiva, os mecanismos de elaboração de novas identidades. A autora propõe examinar, em particular, a história da cidade de Tombouctou e os modos como da história se passou ao mito de Tombouctou. Regressando à Idade Média, Helder Godinho apresenta um estudo sobre o amor como mediação através de exemplos medievais. A ideia principal do seu artigo é a de que o amor é um efeito do texto, noção visível a partir de motivos como o amor *par oï dire* e outros motivos em torno do amor longínquo, e que para alguém se tornar objecto de amor é necessário que seja investido de significação amorosa na economia do texto. Esta tese é apresentada por meio da análise de



diversos textos que vão desde *Durmart le Gallois*, *Le lai de l'ombre* e *Le roman de la rose* de Jean Renart a *Le conte du Graal*, *Gui de Warewick*, e *Le Roman de Tristan*, entre outros. Blanca Solares oferece um artigo sobre Uixtocíhuatl, deusa protectora daqueles que fabricam o sal, a divindade inventora do sal, cujas lendas analisa à luz de uma proposta de interpretação do mito de Melusina feita por Philippe Walter. Esta permite à autora associar o banho de Melusina à vontade de eliminar o sal, ou seja, a sua condição marinha, de modo a poder assumir a condição de mulher vulgar. Por fim, Jean-Jacques Wunenburger orienta-se para o universo da arte, estudando a arte bruta, em particular, a relação entre a arte e a loucura. Wunenburger interroga-se acerca dos limites do imaginário e procura compreender o contributo dado pela expressão artística na loucura para o desenvolvimento dos esquemas imaginativos no processo criativo ultrapassando os moldes conhecidos ou reconhecidos pela história da arte. Começa por examinar a questão da criatividade dos esquemas imaginativos, para, depois, passar para a questão da relação entre o selvagem e o primitivo na pintura do século XIX e, por último, para a arte parietal pré-histórica.

O volume termina com dois textos na secção *Varia*, um de Françoise Bader, que analisa a estrofe 14, 286-291 da *Ilíada*, e o texto de Philippe Le Guillou que, à maneira de uma conclusão, descreve os mistérios da Bretanha focando-se em lugares e paisagens que evocam muitos dos espaços que se encontram nos textos medievais estudados por Philippe Walter, e que mereceram a especial atenção deste ilustre investigador do imaginário, tomando-o numa acepção que não se confina à Idade Média, embora seja este o seu domínio de investigação de predilecção, mas que adquire uma dimensão verdadeiramente universal.

Ana Paiva Morais

**CEIL - FCSH/UNL**